

O Ocidente e a vingança da Rússia sobre a Ucrânia

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 27 de Fevereiro de 2022

1. As imagens e as palavras vão pesar na consciência ocidental. Cinco dias antes da invasão militar da Rússia iniciada a 24 de Fevereiro de 2022, [na Conferência de Segurança de Munique, o Presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenskii](#), pedia respostas honestas sobre as perspectivas de adesão à União Europeia e à NATO: “Há oito anos os ucranianos fizeram a sua escolha, muitos deram a vida por ela. É realmente possível que, oito anos depois, a Ucrânia exija constantemente o reconhecimento da perspectiva europeia? Desde 2014, a Federação Russa está convencida de que escolhemos o caminho errado e que ninguém está à nossa espera na Europa”, acrescentava ainda Volodimir Zelenskii: “Por que evitamos essa pergunta? A Ucrânia não merece respostas directas e honestas?” Sobre a ajuda ocidental à Ucrânia notava ainda que “os países ocidentais não precisam de estar constantemente falar apenas sobre as datas de uma possível invasão”, a Ucrânia precisa “muito mais de outras datas” e que todos entendem perfeitamente quais são, aplicando-se isso também à NATO: “Dizem-nos que a porta está aberta. Mas, por enquanto, não é permitida a entrada de estranhos. Se nem todos os membros da Aliança nos querem ver, ou todos os membros da Aliança não nos querem ver, digam-nos honestamente. Uma porta aberta é bom, mas precisamos de respostas abertas, não de perguntas que não foram fechadas durante anos”.

2. Nesta altura, ainda estamos a processar a gravidade da guerra que a Rússia levou à Ucrânia, mas algumas coisas já são claras. Todavia, é necessário recuar ao passado do final da Guerra Fria para as compreender bem. Após a sua independência da antiga União Soviética em 1991, três opções abriam-se à Ucrânia: [ficar próxima da Rússia e sob a sua influência política; optar pela neutralidade, tendo em conta estar no meio de uma linha de fractura entre o Ocidente e a Rússia; re-orientar-se para Ocidente, integrando-se na União Europeia e NATO](#). Na sua primeira década e meia de existência, a Ucrânia manteve-se numa lógica da neutralidade. Não foi por acaso que a sua opção divergiu da seguida por outros Estados do Leste. Era o caminho mais prudente em termos políticos e estratégicos. A Ucrânia sabia que, se não queria ser como a Bielorrússia, também não podia fazer como os Estados Bálticos, a Polónia e Hungria, que entraram com relativa facilidade para a NATO e a União Europeia, entre 1999 e 2004. Sabia também que, pelo simbolismo e importância na história e política russa — está associada ao embrião histórico do Estado russo (o medieval Principado de Kiev) e à ascensão da Rússia a grande potência europeia (a partir do século XVIII) — as questões geopolíticas seriam sempre um problema muito delicado.

3. Para além do histórico e do simbólico, a dimensão geopolítica ligada às fronteiras é outro dado maior. As fronteiras ocidentais ucranianas, com a Polónia, a Eslováquia, a Hungria e Roménia eram já fronteiras internacionais antes do final da União Soviética — o limite ocidental desta. Pelo contrário, as suas actuais fronteiras Leste (com a Rússia), Norte (Bielorrússia) e Sudoeste (Moldova), eram divisões administrativas internas da

antiga União Soviética. Vários problemas resultam daí. Como é natural, as populações russas e outras que viviam dentro do Estado soviético, não estavam só no território da actual Federação Russa. Estavam um pouco por todos os seus antigos territórios, com especial intensidade nas regiões contíguas. Com o colapso do Estado soviético em finais de 1991 viram-se, de um momento para o outro, como estrangeiros, no que dantes era o seu próprio país. Obviamente que isto é sempre um trauma que pode trazer problemas políticos mais ou menos sérios. Resulta não só das questões simbólicas referidas, como de discriminações (ficaram a ser minorias), perdas de bem-estar material, conflitos por razões culturais-linguísticas, entre outras. Tudo isto, que ficou dentro da Ucrânia (incluindo armamento nuclear, depois retirado do seu território após o [Memorando de Budapeste de 1994](#)), aconselhava realismo e prudência que a neutralidade *de facto* ia garantido. Porquê razão abandonou a Ucrânia esse realismo e prudência?

4. Aqui entrou o Ocidente. Pela sua atracção e influência intensificou o desejo pró-ocidental de muitos ucranianos. Acabou, assim, por emergir na Ucrânia uma imprudente política externa, na medida em que a Rússia viu-a como uma provocação e uma grave ameaça aos seus interesses de segurança. Quanto à política do Ocidente face à Ucrânia, pode ser dividida, grosso modo, em duas fases. A primeira vai [desde a chamada “Revolução laranja” de 2004](#) até 2021. É a fase das promessas, explícitas ou implícitas, feitas pelo Ocidente. Todavia, o Ocidente nunca se comprometeu, com datas concretas de adesão, nem à NATO, nem à União Europeia. Vale a pena recordar o lamento dramático do Presidente ucraniano face à pressão militar russa, na referida conferência de Munique de 2022: não nos dêem só “datas de uma possível invasão”, a Ucrânia precisa “muito mais de outras datas”! A segunda fase da política ocidental surgiu com as informações — que se revelaram acertadas — de uma possível invasão militar russa. Nesta fase, o Ocidente, em particular a NATO/EUA, passou para uma política e estratégia de dissuasão da Rússia. Recorreram a uma constante divulgação pública de informações usualmente reservadas a dirigentes do Estado e meios militares e ao anúncio de fortes sanções económicas.

5. Nem na primeira fase da sua política face à Ucrânia, nem na segunda, o Ocidente mostrou acerto. A estratégia de contenção da Rússia, usada nesta segunda fase, pode ser considerada (ironicamente) *low cost*. Consistiu em despejar torrentes de informação publicamente esperando que, pela denúncia das imagens, a opinião pública internacional impedisse uma invasão da Ucrânia. Supostamente, esta inovadora estratégia permitia o melhor de dois mundos: o Presidente dos EUA subiria nas sondagens apagando a má imagem do Afeganistão e evitaria ainda a invasão russa. Mas foi esquecido um problema básico que ocorre quando se inunda a opinião pública com datas, mapas e notícias de invasão. Se eventualmente os russos foram apanhados desprevenidos no início, reverteram a seu favor a guerra de (des)informação. A razão é simples: na era da sociedade em rede o excesso de informação é tão problemático quanto a falta dela, pois baralha e confunde, tornando difícil, ou impossível, discernir qual é a correcta. Os russos perceberam que seria esse o efeito último na opinião pública, os americanos não. Quanto à outra peça da estratégia ocidental de dissuasão,

consistiu em avisar a Rússia que sofreria pesadas sanções económicas. Todavia, se fosse prestada atenção a uma entrevista em meados de Fevereiro, pelo embaixador russo na Suécia, Viktor Tatarintsev, onde afirmou “estamos a borrifar-nos para todas essas sanções”, as dúvidas sobre a sua eficácia dissuasora seriam logo muitas.

6. O resultado de tudo isto foi trágico. As imagens da capital Kiev bombardeada e esmagada pelos tanques russos, com as populações em pânico, são horríveis. A Ucrânia expôs-se à [ira vingativa da poderosa Rússia](#) sem ter garantias nenhuma. Como notado, a Rússia, que nunca aceitou bem o facto de Ucrânia ter sido dos primeiros a abandonar a União Soviética em 1991 — e, mais ainda, querer inserir-se depois no Ocidente —, espreitava a oportunidade. O problema foi aumentado pela imprudência da Ucrânia inscrever na Constituição a obrigatoriedade de prosseguir a adesão às instituições ocidentais. O Ocidente amplificou-o, ainda mais, ao persistir numa retórica que só espicaçava a Rússia e criava falsas esperanças à Ucrânia. Numa conversa telefónica a 9/12/2022, o Presidente dos EUA dizia ao Presidente da Ucrânia que a “decisão de entrada na NATO está nas mãos da Ucrânia” e que a “a adesão da Ucrânia à NATO é apenas uma decisão do povo ucraniano”. Posteriormente, em finais de Janeiro de 2022, o secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, deixava claro que não havia “planos de deslocar tropas para a Ucrânia — um não-membro — em caso de uma invasão russa”. Se Vladimir Putin ainda não tinha tomada a decisão de invadir a Ucrânia, com este tipo de declarações provavelmente tomou-a.

7. O Ocidente falhou em termos morais e políticos. Falhou por não falar claro à Ucrânia e ajudá-la a perceber as opções reais que tinha. Levou-a a afastar-se da neutralidade sem lhe dar uma alternativa exequível. Pior ainda, o Ocidente ignorou o interesse estratégico permanente da Rússia e os seus sentimentos de humilhação, sem proteger efectivamente a Ucrânia. Não obstante a invasão da Rússia ser totalmente injustificada, desrespeitar grosseiramente o Direito Internacional e merecer uma condenação inequívoca, há responsabilidades ocidentais que não se podem iludir agora. A ambição ucraniana de integração da NATO e União Europeia precisava de garantias efectivas de realização. Se isso sempre foi assim, tornou-se demasiado evidente após a anexação da Crimeia (2014). Mas o que fizeram a NATO e a União Europeia? Encorajaram (demasiado) a orientação ocidental da Ucrânia — espicaçando o nacionalismo russo — sem se comprometerem (de forma adequada) com a sua adesão. Não o fizeram porque isso implicava dar garantias de adesão e de segurança militar, assumindo o risco de enfrentar a Rússia, algo que os ocidentais não estavam dispostos a fazer. Para além das manifestações de solidariedade a custo zero, afinal, quem quer morrer pela Ucrânia?

<https://www.publico.pt/2022/02/27/mundo/analise/ocidente-vinganca-russia-ucrania-1997024>